

Etimologia dos etnônimos atribuídos aos Guarani do Paraguai e da Cordilheira Chiriguana

os nomes dos bichos não são os bichos
os bichos são:
macaco gato peixe cavalo
macaco gato peixe cavalo
vaca elefante baleia galinha
[...]
[...]
[...]
[...]
só os bichos são bichos
[...]
nome não, nome não
nome não, nome não
(*Arnaldo Antunes, Nome Não.*)

Resumo:

No presente trabalho buscamos captar as representações acerca dos etnônimos produzidos e aplicados, aos guarani falantes da cordilheira andina, por duas frentes de conquista: uma com sede em Assucação - PY e outra proveniente do Peru (Cusco e Charcas). A proposta é estabelecer um diálogo entre história, onomástica e representações no intuito de perceber como os guarani falantes de um modo geral, e os da Cordilheira Chiriguana, em particular, foram entulhados de significados que ajudam a entender tanto o status humano desses grupos aos olhos dos “outros” – espanhóis, incas etc. – quanto as peculiaridades relacionais tramadas por uma e outra frente de conquista. Nesse sentido, buscamos entender o ato de nomear como um ato inerente à conquista, na medida em que os nomes revelam mais sobre quem os atribuiu do que sobre os seres nomeados. Além do mais acompanhar a nomeação das etnias permite perceber o quanto os nomes estão suscetíveis à incorporações e ressignificações que podem partir tanto das entidades nomeadas quanto de quem as nomeou.

Palavras Chave: Guarani falantes; Chiriguanas; etnônimos.

Abstract

In this work, we intend to capture the representations as for the Ethnonymous produced and applied to the speakers of Guarani from the Andean Piedmont by two conquering powers: one whose headquarter is in Asunción/PY and the other is from Peru (Cuzco and Charcas). The proposal is to establish a dialogue among history, onomastics and these

representations with an aim to notice how the speakers of guarani from the piedmont were filled with meanings that help them understand both their human status in this group based from the view of “others” – the Spanish, the Incan, etc. – and their relationship peculiarities created by either one or the other conquering power.

Keywords: **Guarani speakers; Chiriguanas; Ethnonyms.**

1) Introdução

Os povos guarani falantes da cordilheira andina representaram, ao longo de mais de três séculos, um desafio aos projetos seculares e religiosos que propugnavam sua assimilação à lógica do sistema colonial hispânico. Situados ao pé da cordilheira, esses grupos atacavam as fortalezas incas e aniquilavam expedições militares que Cusco enviava para proteger seus súditos da fronteira oriental. A partir da conquista do império inca, pela via do Pacífico, e da “aliança” hispano-guarani, na bacia do Rio da Prata, paulatinamente duas frentes de conquista se projetam em direção à *cordillera chiriguana*¹ e, por volta de 1549, se encontram nas contiguidades daquela serra. Porém, mais de duas décadas antes dessa data, os expedicionários ibéricos do Rio da Prata, e logo em seguida, os conquistadores do Peru, são informados da existência de guarani falantes nas imediações de uma *Serra de Prata*. Na década de 1530 e 40, na medida em que as duas frentes (uma platina procedente de Assunção e outra andina procedente de Charcas, ou La Plata) se aproximavam, o conhecimento e as expectativas sobre como inserir os guarani da cordilheira na lógica colonial se ampliam.

¹ A *Cordillera chiriguana* era um “vasto território de unos 100.000 Km² ocupado por los Chiriguano y que formaba una unidad geográfica entre la fisografía de piedemonte y subandino. Era un territorio desconocido y marginal, llamado por los cronistas jesuitas ‘Mediterráneo de la América Austral’”. (PIFARRÉ, Francisco. *Historia de un pueblo*. La Paz: Ed. CIPCA, 1989. p. 37). No período colonial situava-se no entremeio da rica província de Charcas, nos Andes e Santa Cruz de la Sierra, no Chaco. O território outrora conhecido como *Cordillera chiriguana* está dividido em três departamentos bolivianos: Santa Cruz (provincia Cordillera), Chuquisaca e Tarija.

No presente trabalho buscamos captar as representações inerentes aos diversos etnônimos produzidos e aplicados, aos guarani falantes da cordilheira, por uma e outra frente de conquista, também, por sucessivas gerações de historiadores; ou seja, por agentes exteriores a eles próprios. De acordo com Viveiros de Castro: “[...] a objetivação etnonímica incide primordialmente sobre os outros, não sobre quem está em posição de sujeito. Os etnônimos são nomes de terceiros, pertencem à categoria do ‘eles’, não à categoria do ‘nós’.”² Com efeito, o foco desse artigo não são as autodesignações; aqueles nomes que via de regras são traduzidos por “ser humano”, “gente” e seus intensificadores, “de verdade” e “realmente”³. A idéia é tecer um diálogo entre história, onomástica e representações no intuito de perceber como os guarani falantes da cordilheira foram entulhados de significados que ajudam a entender tanto o status humano desse grupo aos olhos dos “outros” – espanhóis, incas etc. – quanto as peculiaridades relacionais tramadas por uma e outra frente de conquista.

As fontes disponíveis, compostas de diversos gêneros literários – crônicas, poemas, relatórios e memoriais – permitem captar os sentidos atribuídos aos guarani-falantes da cordilheira por meio de dois tipos de discurso definidor: um deles define o significado inerente ao etnônimo, ou seja, pela decomposição etimológica declara o “sentido exato” do nome; o outro, evoca supostos traços e adjetivos intrínsecos ao grupo nomeado. Portanto, o estudo dos etnônimos coloniais referentes aos guarani da cordilheira permite perceber as categorias de pensamento, os sistemas classificatórios, em

² VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* [online]. 1996, vol.2, n.2, p. 126

³ Idem

fim, o universo representacional e simbólico colonial cristão cuja única perspectiva, em relação aos povos nativos, era a submissão a programas de redução político\civilizacional.

Todorov apresentou com propriedade as relações de poder e as conseqüências inerentes ao ato de nomear. Colombo nomeava e, mesmo sabendo o nome indígena, renomeava acidentes geográficos, localidades, povos e pessoas com nomes “adequados”; capazes de expressar aquilo que as “coisas” realmente são. E foi assim que o almirante cunhou o etnônimo *índios* com o qual designou todos os povos do continente que ele supunha ser a Índia. Ao analisar a atitude intelectual de Colombo no ato de atribuir nomes, Todorov ensina que – ao contrário do que o almirante pensava – os nomes dizem mais sobre quem os atribui do que sobre os seres nomeados. Por outro lado, esse exemplo explicita o quanto os nomes estão suscetíveis à incorporações e ressignificações que podem partir tanto das entidades nomeadas quanto de quem as nomeou.

No paradigma intelectual/científico moderno, interpretar ou “decifrar” os significados ocultos nos étimos tem se revelado, simultaneamente um desvendamento e um exercício de construção e atribuição de sentidos. Tal como Colombo declarava os sentidos inerentes aos nomes, a começar pelo seu próprio⁴, outros conquistadores asseveravam significados pautados em antigas representações lapidadas pelo imaginário colonial. O leque de nomes atribuídos aos guarani falantes da cordilheira, se situa nesse linha do pensamento colonial.

⁴ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 26-27.

De certo modo o presente trabalho se aproxima e corrobora as observações de Eni P. Orlandi, sobre o ato de nomear, exercido pelos conquistadores/colonizadores. Para a autora essa atividade ocupa o “núcleo da atenção e os esforços de documentação dos europeus, face ao índio [...]. Para os europeus dessa época, “conhecer” é “saber os nomes”, é dar os nomes, é nomear”⁵.

2) Etnônimos de origem platina

A começar pelo nome que denomina toda uma família lingüística, guarani tornou-se um termo usual a partir da expedição de Sebastian Caboto que, em 1526, explorava o estuário do Rio da Prata. Provavelmente o primeiro a grafar uma das variantes desse nome foi Luís Ramíres que, em correspondência ao seu pai, em 1528, em dois momentos se refere aos *guarenís*. Na citação a seguir observa-se que naquele ano os espanhóis já tinham ricas informações sobre a abrangência dos territórios que esses ocupavam. Embora não afirme claramente, pode estar subentendido que, Ramíres sabia que aqueles que habitavam a *sierra* (Cordillera Chiriguana) eram também *guarenís*. Se essa não é a interpretação adequada, é certo que Ramíres sabia que esta *generación* confinava com a cordilheira:

Aquí con nosotros está otra generación que son nuestros amigos, los cuales **se llaman guarenís** y por otro nonbre chandris. Estos andan derramados por ésta tierra y por otras muchas, como corsarios, a causa de ser enemigos de todas éstas otras naciones y de otras muchas que adelante diré. [...]. Estos señorean gran parte de ésta India y confinan con los que **habitan en la sierra** [grifos nossos]. Estos traen mucho metal de oro y plata en muchas planchas y orejeras y en achas, con que cortan la montaña para senbrar⁶.

⁵ ORLANDI, Eni P. *Terra a vista!: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1990, p. 90.

⁶ RAMÍREZ, Luís. *Carta de Luis Ramíres a seu pai desde o Brasil (1528)*. Introdução, edição, transcrição e notas: Juan Francisco Maura. **Lemir** (Departamento de Filología Hispánica da Universidade de Valencia), <<http://parnaseo.uv.é/Lemir/Textos/Ramirez.pdf>> 2007. p. 51

Em poucos anos *guarani* tornou-se um filtro que em meio à “babel” étnica e lingüística do Paraguai quinhentista discriminava aqueles que falavam um idioma e apresentavam sistemas sócio-econômicos e simbólicos semelhantes. Nas palavras de Noelli, o termo passou a referir diversos grupos que “[...] tinham em comum a língua, a cultura material, as tecnologias, as formas de subsistência, os padrões de assentamento e adaptativos, a organização sócio-política, a religião e os mitos. Entre eles havia, contudo, variações dialetais, de adaptabilidade e de etnicidade”⁷.

Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, que nunca esteve no Rio da Prata, mas contava com inúmeros informantes, foi, provavelmente, quem primeiro propôs uma explicação para o nome Guarani. Para ele, a origem estaria numa arma até então desconhecida pelos espanhóis:

Tengo averiguado con muchos testigos de vista, que ciertos indios que en el Rio de la Plata se llaman los guaranias usan cierta arma, y no todos los indios son hábiles para ella sino los que he nombrado: ni se sabe si este nombre guarania es del hombre ó de la misma arma, la qual exercitan en la caça, para matar los venados, y con la misma mataban á los españoles, y es desta forma. Toman una pelota redonda de un guijarro pelado, tamaño como el puño, é aquella piedra átanla una cuerda [...]⁸.

Essa arma descrita por Oviedo – conhecida até hoje nos pampas platinos como boleadora ou boleadeira – também foi descrita por Luís Ramíres. Este, porém, não indica como tal arma se denomina e tampouco diz que os índios que a usavam eram *guareníes*, e sim, *quirandies*: “Estos quirandies [...] pelean con arcos y flechas y con unas pelotas de

⁷ NOELLI, Francisco da Silva. Os indígenas do Brasil Meridional. In: MELLO, Amilcar D'Avila de. *Expedições: Santa Catarina na era dos descobrimentos geográficos*. Florianópolis: Editora Expressão, 2005, v. 1, p. 126.

⁸ FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo [1535]. *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del mar océano*. Primeira Parte. Edit. D. Jose Amador de Los Rios. MADRID: Real Academia de la Historia, 1855. , Libro V, Cap. XXXV, p. 225.

pedra redondas como una pelota y tan grandes como el puño, con una cuerda atada que la guía los cuales tiran tan certeros que no hierran a cosa que tiran”⁹.

Isso significa que em 1535, quando a primeira parte da sua monumental crônica foi publicada, Oviedo estava a par das expedições ao Rio da Prata, mas seus informantes foram menos assertivos que Ramíres. No mesmo ano de 1535 os espanhóis do Rio da Prata continuavam sendo castigados com aquelas bolas de pedra. Ulrich Scmidel, que participou da expedição de Pedro de Mendoza ao Rio da Prata, diz ter lutado contra os *carendies* que além das armas convencionais (arco, flechas, lança) também usavam “[...] unas bolas de piedra aseguradas a un cordel largo; son del tamaño de las balas de plomo que usamos en Alemania. Con estas bolas enredan las patas del caballo o del venado [...]. Fue también con estas bolas que mataron a nuestro capitán y a los hidalgos[...]”¹⁰.

A partir da década de 1570 outros escritores falam sobre o significado da palavra guarani. Juan López de Velasco, cosmógrafo e cronista oficial de Felipe II, ao falar dos povos do Rio da Prata, afirmava que: “los otros son los indios labradores *guaraníes*, que quiere decir *guerreros*, porque van muy lejos de su tierra a guerrear”¹¹. Como se vê, o autor não faz uma análise dos étimos, mas apenas afirma e atribui um significado. Não sabemos quem inaugurou essa analogia, mas, o certo é que ela foi corroborada em diversos textos literários e administrativos. O poeta e clérigo Martín del Barco Centenera,

⁹ RAMÍREZ, Luís. *Carta de Luis Ramírez a seu pai desde o Brasil (1528)*. Introdução, edição, transcrição e notas: Juan Francisco Maura. Lemir (Departamento de Filología Hispánica da Universidade de Valencia), <<http://parnaseo.uv.es/Lemir/Textos/Ramirez.pdf>> 2007. p. 50

¹⁰ SCHMÍDEL, Ulrich. [1567] *Viaje al Río de la Plata*. Notas biblio y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires: Cabaut y Cía., Editores, 1903. p. 150. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/>

¹¹ LÓPEZ DE VELASCO, Juan [1574]. Descripción general hecha por Juan López de Velasco sobre las Indias, límites, hidrografía e islas. Ed. Madrid 1894, p. 555

que na década de 1570 participou de expedições no Rio da Prata, e em seguida atuou em Cochabamba e Chuquisaca, em seu célebre poema, *La Argentina o La conquista del Río de la Plata*, canta, com os versos a seguir, a origem dos Guarani e o significado desse nome:

Muy largos tiempos y años se gastaron,
y muchos descendientes sucedieron
desde que los hermanos se apartaron.
De Tupí en el Brasil permanecieron
Tupíes, y destotros que pasaron
Guaraníes se nombran, y así fueron
guerreros siempre aquestos en la tierra
que el nombre suena tanto como guerra¹²

Numa nota explicativa à margem desses versos, o poeta sugere uma nova analogia semântica: “*Guaraní* significa una mosca muy importuna que hay en aquella tierra, a la manera del tábano, que chupa la sangre, y por serles tan importuna la guerra a los indios la llaman del nombre de esta mosca”. A palavra guarani significaria guerra, e um inseto hemofágico, tão inconveniente quanto, teria recebido esse nome por analogia. De todas essas formulações nenhuma foi proposta por conquistadores que atuaram *in loco* entre os guarani falantes nas primeiras décadas da conquista. Além do mais, o respaldo lingüístico é duvidoso; ou melhor, os autores não arrolam dados etimológicos.

Embora haja uma certa unanimidade sobre o *ethos* guerreiro conquistador, dos guarani e tupi falantes do período pré-colonial e colonial¹³, na língua guarani essa interpretação foi colocada sob suspeição. Os elementos para defender essa proposição

¹² BARCO CENTENERA, Martín del. *La Argentina: poema histórico*. Edición digital: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Canto primeiro, Versos 217-224. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com>

¹³ O *ethos* guerreiro dos povos filiados à família lingüística tupi-guarani é quase um consenso tanto entre os cronistas coloniais quanto entre os guaraniólogos e tupinólogos atuais. Sobre esse tema há uma copiosa bibliografia na qual se destacam: FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1970; SUSNIK, Branislava. *El Índio Colonial de Paraguay: El Guarani Colonial*. v.1. Museo Etnográfico “Andrés Barbero”, Asunción, 1965; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté: Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1986.

não permitem vislumbrar uma relação semântica entre guarani e guerra, guerreiro e muito menos “boleadeira”. O *Vocabulário de Montoya* registra 4 palavras para o verbete Guerra e a que foneticamente mais se assemelha é *guariniñ*. Para o verbete guerreiro a palavra que mais se aproxima é *guariniñhára*¹⁴.

Pedro de Angelis – que no século XIX compilou uma rica coleção de documentos sobre o Rio da Prata, editou e compôs um Índice Geográfico e Histórico para a *Argentina*, de Ruy Diaz de Gusmán – também diverge desse viés interpretativo ao passo que apresenta uma nova alternativa:

Casi todos los que han investigado la etimología del nombre *Guaraní*, lo han mirado como una corrupción de la palabra *guariniñ*, que en este idioma significa “guerra”. Pero nosotros preferimos la siguiente interpretación: *Gua*, pintura; *ra*, manchado; *ni*, señal del plural: *Guaraní*, “los manchados de pintura, o los que se pintan”; aludiendo a la acostumbre de estos pueblos de pintarse el cuerpo. (p. 233)

Ao ser indagado sobre o significado dos étimos que compõem essa palavra, Bartomeu Melià revelou:

Nunca he sabido lo que significa guaraní, pero por analogía con guarajú, que serían la gente, la parcialidad áurea o perfecta, la partícula **ni**, indicaría pluralidad, los de aquí, pero tal vez un grado de intensidad y autenticidad: la gente auténtica. Hay que estudiarlo un poco más a fondo¹⁵.

Outro etnônimo frequentemente aplicado aos mesmos grupos, era Cario (Carijó, Caryo). Como observa Combès¹⁶, a partir de meados do século XVI Carió tornou-se sinônimo de guarani e, do mesmo modo, abrangente que referia tanto os grupos do litoral

¹⁴ MONTROYA, Antonio Ruiz de [1640]. *Vocabulario de la lengua guaraní*. Transcripción y transliteración por Antonio Caballos. Introducción por Bartomeu Melià. Asunción: CEPAG, 2002.

¹⁵ MELIÀ, Bartomeu. Mensagem pessoal por correio eletrônico - enviado: quarta-feira, 1 de dezembro de 2010, 10:48. Para Susnik *guará* é “[...] um conceito socio-político que determina una cierta región bien definida, delimitada generalmente por ríos. SUSNIK, Branislava. *El rol de los indígenas en la formación y en la vivencia del Paraguay*, II, CEADUC, Asunción, 1983, p. 32. Também no vocabulário de Montoya, região é traduzido por *guára*. O sufixo *ni* segue sem uma tradução convincente.

¹⁶ COMBÉS, Isabelle. *Diccionario etnico. Santa Cruz la vieja y su entorno en el siglo XVI*. Colección Scripta Autochtona. No. 4. Cochabamba: Instituto de Misionología; Editorial Itinerarios; Misiones Franciscanas Conventuales - MFC, mayo 2010. 406p. - 4 vol., p. 86.

sul do Brasil (Carijós), quanto os da cordilheira andina - Carios de la sierra (Irala, 1555). Qual seria o significado etimológico desse nome? Para Meliá esse problema se apresenta mais difícil que o anterior de modo que apenas arrisca discretas conjecturas: “Para los Cario es todavía más difícil. En todo Montoya no encuentro un **cari**, y lo que más se acerca es **carai** + **o**(ga): la casa del hechicero o del chamán. ¿Qué etimología se suele dar de Carijó? Por ahí se podría vislumbrar algo”¹⁷.

Pedro de Ángelis entende que o sentido se revela quando a palavra é tomada nos seguintes termos:

Esta voz *Cario* se compone de *ca*, que es avispa, y de *rio*, o más bien *rea*, que es campero, silvestre, o que vive en el campo: es decir, gente arisca como las abejas silvestres; con las que pudo también haberseles comparado por el agujón que traían pendiente de sus labios, a modo de avispas. Probablemente los españoles creyeran que, tratándose de nación, debían dar a este nombre la terminación masculina, y de careas hicieron *careos*, y *carios*.]¹⁸

O *Vocabulário* de Montoya confirma que *ka* é vespa. Quanto ao segundo termo, não consegui confirmá-lo nos dicionários. De qualquer modo, a vespa não é um inseto domesticado, ou seja, é sempre silvestre. Vale destacar que esta é segunda ocorrência em que a imagem de um inseto agressivo é usada para metaforizar os guarani. Essa interpretação tem o mérito de trabalhar com a língua guarani e valorizar elementos da cultura material para compor uma explicação (o tembetá é comparado ao ferrão). As fontes históricas, todavia, não corroboram essa explicação.

¹⁷ MELIÁ, Bartomeu. Mensagem pessoal por correio eletrônico - enviado: quarta-feira, 1 de dezembro de 2010, 10:48

¹⁸ GUZMÁN, Ruy Díaz de. Historia Argentina del descubrimiento, población y conquista de las provincias del Río de la Plata. IN: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata. Tomo Primero*, Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1835, Apéndice A, p. XVI ou p. 200.

Há que se considerar que, por se tratar de uma denominação referente a grupos guarani falantes, os pesquisadores tendem a buscar os significados nessa mesma família lingüística. Todavia, não seria absurdo supor que tanto *guarani* quanto *cario* derivem de nomes atribuídos por povos circunvizinhos, de outras famílias lingüísticas e que os guarani falantes tenham, enfim, submetido essas denominações a novas formas fonéticas e semânticas. Isso tornaria a tarefa, de desentranhar os significados, ainda mais complexa e, talvez, inatingível.

Guarani e *Cario* eram os nomes próprios mais costumeiramente aplicados aos guarani-falantes do Rio da Prata, pelos espanhóis conquistadores. As diversas parcialidades étnicas filiadas a essa família lingüística iam sendo nomeadas, geralmente, com topônimos relativos ao *guará* (região) que habitavam (Itatim=itatines; Guairá=guairáes). Desde as primeiras incursões espanholas *Rio* [Paraguay] *arriba* ou *tierra adentro*, qualquer grupo guarani falante é distinguido com essa informação que, muitas vezes, é agregada ao próprio nome, como ocorre com, *Guarani-Itatines* ou *Carios de la Sierra*.

Quando a ausência de dados lingüísticos inviabiliza uma asserção consistente, do ponto de vista etno-histórico, alguns escritores partem para interpretações livres fundadas em analogias imaginárias, por vezes, bastante insólitas. Para os conquistadores procedentes do Peru, o termo *Cario* deriva de *Caribe* e o significado deste podemos ver no discurso de Lorenzo Suarez de Figueroa, governador do de Santa Cruz de la Sierra na década de 1570: “El propio nombre de esta generación es *Cario*, de donde se deriva el

nombre que tienen, *Caribes*, que quiere decir ‘comedores de carne humana’¹⁹. Evidentemente, não obstante a coincidência das duas primeiras sílabas, a analogia entre *Cario* e *Caribe* se situa mais no âmbito semântico do que no etimológico. A designação *caribe* para os guarani falantes da cordilheira é própria de autores vinculados à frente andina de conquista e começa a ser aplicada com mais frequência a partir de 1570.

De acordo com o dicionário *Houaiss*²⁰ *Caribe* é uma palavra de origem arawak que designava um povo que habitava partes das Antilhas e do litoral norte da América do Sul. Todorov mostrou que a palavra canibal surgiu em 1492, quando Colombo soube da existência de povos denominados *Caribas*. Do seu agir comunicativo com outros grupos nativos das Antilhas, soube que os *Caribas* comiam gente e tinham cabeça de cão (do espanhol *can*). Essas informações que Colombo deve ter obtido por meio de gesticulações, já que nenhuma das partes conhecia o idioma da outra parte, levaram-no a concluir que o nome correto do referido povo devia ser *Caníbas*, isto é, súditos do Grande Can – imperador da China descrito por Marco Pólo²¹. Afinal, o descobridor da América tinha certeza absoluta que estava na Índia, perto da China. Desses diálogos gestuais ou como sugere Todorov, desse monólogo consigo mesmo, resultou que o significado ameríndio de *Cariba* foi entulhado de significações do imaginário cristão medieval. Caribes, Caribas, Canibas, Canibalis, Canibais e outras variantes tornaram-se sinônimos de “comedores de carne humana”. Tão logo que Colombo operou essa

¹⁹ SUÁREZ DE FIGUEROA, Lorenzo. [1586] “Relación de la ciudad de Santa Cruz de la Sierra”. In: Marco Jiménez de la Espada: *Relaciones geográficas de Indias: Relaciones Geográficas del Peru*. Tomo II. Madrid: Biblioteca de autores españoles, 1965, t. 1: 404.

²⁰ Dicionário Eletrônico *Huass* da Língua Portuguesa. Editora Objetiva, 2002. Verbetes – Canibal.

²¹ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 30.

ressemantização, a literatura e a iconografia sobre o *Novo Mundo* reproduziu intensamente imagens de *Caribes* ou *Canibais* para evidenciar essa alteridade situada no extremo oposto da europeidade.

Nos versos a seguir, Barco Centenera parte da premissa colombiana de que os *Cario* são *Caribes* e, para significar esse termo, o poeta vai às “raízes” da palavra e encontra dois étimos: um latino, *Caro* (carne), e outro guarani, *ibi* (terra): O resultado dessa “gambiarra” etimológica ficou: Caribe = Sepultura de carne Humana.

Que si mirar aquéstos bien queremos
caribe dice, y suena sepultura
de carne, que en latín *caro* sabemos
que carne significa en la lectura.
Y en lengua guaraní decir podemos *ibi*,
que significa compostura
de tierra do se encierra carne humana;
caribe es esta gente tan tirana.²²



Essa conjectura tão extravagante, do ponto de vista linguístico, só pode ser considerada razoável pelos critérios da licitude da arte poética, de um lado, e pelo intuito de produzir ou justificar sentidos que passam a fluir no imaginário colonial sobre todos os grupos que, assim como os guarani falantes da cordillheira, representavam um desafio

²² BARCO CENTENERA, Martín del. *La Argentina: poema histórico*. Edición digital: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Canto primeiro, Versos 201-209. Imagens similares àquela a direita dos versos abundam nas crônicas e na cartografia colonial dos séculos XVI e XVII. Esta encontra-se em: MOCQUET, Jean (1617) - *Voyages en Afrique, Asie, Indies Orientales e Occidentales*, Paris: Jean de Hievquevieu. (IEB). Disponível em: <http://books.google.com/>

político à soberania ibérica. Bernand & Gruzinski confirmam esse jogo semântico e a acepção política que o nome *Caribe* adquiriu:

O termo *caribe* acabou sendo aplicado a todos os autóctones que fossem antropófagos ou que opusessem a menor resistência aos conquistadores. De denominação étnica, ele se tornou, automaticamente, legitimação do extermínio e da escravidão das populações das ilhas e das costas da América do Sul²³.

Um dos autores que expressa bem a abrangência desse termo, sua atribuição a diversos grupos, não só das Antilhas e costas, mas também do mediterrâneo sul-americano, é José de Acosta ao circunscrever o terceiro e mais baixo grau de bárbaros que habitam a terra.

Finalmente, a la tercera clase de bárbaros [...]. En ella entran los salvajes semejantes a fieras, que apenas tienen sentimiento humano; sin ley, sin rey, sin pactos, sin magistrados ni república, que mudan la habitación, o si la tienen fija, más se asemeja a cuevas de fieras o cercas de animales. Tales son primeramente **los que los nuestros llaman Caribes**, siempre sedientos de sangre, crueles con los extraños, que devoran carne humana, andan desnudos o cubren apenas sus vergüenzas. [...] así son los Chunchos, los **Chiriguanás**, [...] ²⁴[grifos nossos].

Além da transformação semântica, *caribe* passou a exercer a função de outra classe gramatical; ou seja, além de substantivo próprio tornou-se adjetivo qualificativo. Na passagem a seguir, que relata uma entrada rioplatense em busca do *El dorado* ou *Paititi*, esta nova função está bem clara: “Y salio el gouernador con gentte y fue atrauesando el monte y hallaron **yndios muy caribes** [grifo nosso] y tuuo grandes Reuatos con ellos y le mataron españoles y muchos yndios y de ay se boluieron”²⁵. Por associação aos significados de agressividade e voracidade, o termo *caribe* também foi

²³ BERNAND, Carmem; GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da Descoberta à Conquista*, uma Experiência Européia (1492-1550). 2a ed. São Paulo:Edusp, 2001, p. 600.

²⁴ ACOSTA, José de (1577). *De Procuranda Indorum Salute*. Reeditada sob o título: *Predicación del evangelio en las indias. – Estudio preliminar y edición del P. Francisco Mateos* – Madrid: Atlas, 1954. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/mcp/01361686433460613088024/p0000001.htm>

²⁵ SOLETO PERNIA, Alonso. Memoria de lo que han echo mis padres y yo, en busca del Dorado que ansse se llama esta conquista y diçen que es el Paytitti. *A.G.I. Charcas 21, ramo 1, número 2, f.51v.*

empregado para denominar animais que notadamente manifestavam tais comportamentos: *pez caribe* = piranha (*Serrasalmus nattereri*); *hormiga caribe* = *Solenopsis geminata*.

Há que se destacar que ao longo dos mais de vinte anos de contato entre espanhóis e carios (guarani) no Rio da Prata, esse etnônimo não tinham essa carga de significados negativos, relacionados a agressividade e antropofagia. Para os espanhóis protagonistas da fundação de Assunção, que em suas longas expedições *Rio arriba* e *tierra adentro* eram acompanhados de centenas ou milhares deles, encontrar assentamentos guarani significava abundância de alimentos, notícias sobre as terras e gentes e aumento do contingente aliado dos espanhóis²⁶. Todavia, para os espanhóis procedentes do Peru os *Cario* eram *Caribes*, como já vimos, e *Chiriguanaes*²⁷ como veremos.

3) Chiriguanaes: um etnônimo de origem andina

Seguramente, os primeiros europeus que tiveram notícias de um grupo denominado Chiriguanaes (Chirihuanas) foram os espanhóis que conquistaram o império inca. Nas primeiras décadas 1530 - 1550 esse nome foi mencionado em documentos relativos à expedição de Almagro ao Chile (1534-45) e por cronistas como Cieza de León (1553). Nessas décadas, porém, ninguém inquiriu ou especulou pelo significado etimológico do termo. A partir de 1570, na medida em que esse grupo se manifestava irredutível à sujeição colonial e enfrentou vitoriosamente o vice-rei do Francisco de

²⁶ Em diversos ensaios Meliá destaca a dinâmica e a fartura da economia guarani que sustentou milhares de exploradores espanhóis inertes em termos de produção agrícola. A propósito desse tema as seguintes obras são referência obrigatória: MELIÁ, Bartomeu. *El Guaraní Conquistado y Reducido: Ensayos de Etnohistoria*, 3. ed. Asunción: CEADUC, 1993; TEMPLE, D. *El don, la venganza y otras formas de economía Guaraní*. Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, Asunción, 2004.

²⁷ Esse substantivo foi grafado de diversas formas: até o presente momento identificamos as seguintes: *Chiriguanaes*, *Chiriguanas*, *Chiriguanás*, *Chirihuanas*, *Chiriguanos*, *Chiliguanaes* e *Cherigoanaes*.

Toledo, a maioria dos escritores começa a propor explicações etimológicas para esse etnônimo. No século XX, diversos etno-historiadores se debruçaram sobre esse problema sendo que alguns chegaram a conclusões tão insólitas que bem poderiam figurar na galeria das explicações dos cronistas e poetas.

Qual seria, afinal, a etimologia e a semântica desse vocábulo para os conquistadores espanhóis da frente andina? Desde logo, adiantamos que as versões são tantas que não pretendemos ser exaustivos, e tampouco daremos a mesma ênfase a umas e outras. O que interessa mesmo é observar uma espécie de incitação cognitiva que lança mão de fragmentos lingüísticos e muita imaginação para definir e instituir significados. Grosso modo, pode-se observar dois vieses etimológicos: um que parte do quíchua e outro que parte do guarani. Além desses há alguns palpites tão desapegados da lingüística histórica que apenas podem ser arrolados pelo seu teor exótico.

As versões que partem do quíchua, que são as que se tornaram hegemônicas na literatura histórica, oferecem subsídios de considerável valor histórico para a elucidação das relações entre os guarani migrantes e os súditos do Inca. Novamente Barco Centenera é uma referência indispensável:

Llegaron, pues, al fin a aquel paraje
do el frío les hizo guerra encarnizada,
y frío *chiri* suena en el lenguaje
del Inga, que es la lengua más usada;
guana es escarmiento de tal traje.
Aquesta gente iba mal parada,
y el frío que tomaron, escarmiento
fue para el Chiriguana y cognomento.²⁸

*Llegaron pues al fin aquel paraje,
Do el frio le, dio guerra muy sobrada,
Y frio Chyri, suena en el lenguaje
Del Inga, que es la lengua mas usada,
Guana, es escarmiento de tal traje,
Aquesta gente yua mal parada.
Que del frio tomaron escarmiento,
De ado Chiriguana es su cognomento.*

Em nota, à margem desses versos o autor esclarece que o nome deriva de uma fala do *Gran zapainga*, que teria desdenhado o risco que os povos “bárbaros” das terras baixas e quentes representavam ao seu império. Como estes andavam sem agasalho, o frio da cordilheira haveria de castigar aos que se vestem com o traje da nudez: “deixai-os, que o frio os castigará (*dejadlos, que el frío les escarmentará*)”²⁹ teria dito o Inca.

Castigados pelo frio é também a explicação etimológica proposta por uma das mais intrigantes crônicas sobre as migrações guarani ao pé da cordilheira motivadas pela busca de metais. Em 1638 o Pe. Diego Felipe de Alcaya, prestou uma *Relación cierta* de uma história que ouvira do seu pai Sánchez de Alcayaga. Guacane e Condori, parentes do Inca teriam conquistado, por meios pacíficos, em troca de presente, alguns grupos lavradores que viviam nas planícies do Rio Guapay, sob a chefia de Grigotá. Barganhando com esses novos súditos teriam efetivado a exploração argentífera do Cerro de Saypuru, na cordilheira.

Assim que as notícias da riqueza e bonança que essas partes desfrutavam chegaram aos Guarani do Paraguai, estes teriam partido em busca dessas promissoras terras. Após duas vitórias “traioeiras” e arrasadoras contra Guacane e Condori, o *Ynga del Cuzco enfurecido en yra con la*

²⁸ BARCO CENTENERA, Martín del. *La Argentina: poema histórico*. Edición digital: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Canto Primeiro, Versos 240-248. Ao lado, Ed. Facsímil de 1602.

²⁹ *El Gaan-zapainga, que significa «solo Señor», les puso este nombre a los Guaranés, diciendo que a gente que venia desnuda de donde nace el sol, que es tierra caliente, hacia aquellas partes y cordilleras, que es tierra fría, el frío, que es chiri, les escarmentaría, que es guana, de donde vino Chiriguana, como que diciendo: dejadlos, que el frío les escarmentará.* (N. del A.) BARCO CENTENERA, Martín del. *La Argentina: poema histórico*. **Edición digital:** Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002.

triste nueva determinó haçer el castigo, mas seu exército de cinco mil homens e o novo capitão *Turumayo* foram novamente aniquilados. A revanche foi empreendida por Grigotá, súdito local, leal aos capitães incas derrotados. Nessa contra-ofensiva Grigotá teria matado 500 e aprisionado 200 inimigos que, por intermédio de um embaixador, foram enviados à Cuzco. A etimologia de *chiriguanas* seria decorrência do desfecho desse episódio, ou melhor, da punição que o Inca aplicou aos prisioneiros Guarani:

[...] fueron puestos por su mandado desnudos en los extremos mas altos de vnos çerros neuados atados de pies y manos y alli con guarda que les puso quedaron vna noche donde amanecieron muertos [...]. Sauido por el Ynga como eran muerttos leuantandose de su asiento muy contento dixo en voz alta halla, halla chiripiguanachini que quiere deçir assi assi que **les he dado escarmiento en el frio, que chiri es el frio en su lengua y guana el escarmiento de donde se les quedó hasta oy el nombre de chiriguana** [grifo nosso]³⁰.

O caráter meio fantasioso e insólito (em termos empíricos) dessas duas narrativas abriga elementos históricos importantes. Não se trata de confirmar ou negar a veracidade de tais fatos, e sim, de perceber a intensidade da pressão que os migrantes guarani exerceram sobre as fronteiras orientais do Império. Mais de cem anos após a ocorrência das supostas peripécias, não obstante o impacto da conquista espanhola, o ímpeto violento desses confrontos passou a ecoar nos sentidos atribuídos ao etnônimo.

Ainda em relação ao viés quíchua alguns autores entendem que o nome atribuído aos guarani da cordilheira signifique “esterco frio”: Chiri [frio] guano [esterco]³¹. Etimologicamente essa composição pode até ser “correta”. Todavia, do ponto de vista da

³⁰ AGI Charcas 21, r.1, N.11, bloque 7, f.22. *Relación del padre Diego Felipe de Alcaya*. Esta crônica também foi publicada em: LIZARAZU, Juan de. [1636-1638]. “Consultas hechas a S.M. por don Juan de Lizarazu, Presidente de Charcas, sobre su entrada a los Moxos o Toros”. En: V. Maurtua (ed.), *Juicio de límites entre el Perú y Bolivia*, tomo 9. Madrid: imp. de los hijos de G. Hernández, 1906, 121-216. Também foi publicada em: ALCAYA, Diego Felipe de. 1961 [1607] “Relación cierta que el padre Diego Felipe de Alcaya, cura de Mataka [...]”. en: *Cronistas cruceños del Alto Perú Virreinal*, Santa Cruz: UAGRM: p. 47- 86.

³¹ OBERMEIER, Franz. As relações entre o Brasil e a região do Rio de La Plata no século XVI nos primeiros documentos sobre Assunção (Asunción) e Santa Catarina. *JbLA* Vol. 43/2006, p. 319. Disponível em: http://www-gewi.uni-graz.at/jbla/JBLA_Band_43-2006/jbla06_317_342.pdf

documentação do século XVI ela se mostra inconsistente uma vez que nem os cronistas andinos e, tampouco a documentação administrativa, grafaram [chiri]guano mas si [chiri]huanaes, [chiri]guanás, etc. Ou seja, nas fontes mais antigas esse nome sempre termina em *a(s)* ou *a(es)*³². Nesse sentido, *Chiriguano(s)* é uma denominação ainda mais depreciativa que se tornou usual apenas no século XVIII e, além do mais, não se apóia num enredo histórico-literário, como as duas versões anteriores. Ainda assim, vale registrar, foi precisamente essa grafia e interpretação que se tornou uma das mais recorrentes.

Enrique de Gandia, um dos mais profícuos historiadores argentinos do século XX, avaliou e considerou plausíveis três interpretações distintas. A primeira delas é a mais controvertida: “Chiri (frío en quechua), gua, guara (patria o lugar que habita, en guaraní), y ana (pariente, en guaraní). El vocablo habría sido creado por los guaraní y significaría ‘nuestros parientes de la región fría’”³³. Nesse caso parece que os autores (Fulgencio R. Moreno; e Gandia que considera aceitável essa explicação) cometem a mesma falácia que Barco Centenera que, ao explicar a palavra Caribe, parte de um étimo proveniente do latim, e outro do guarani. No presente caso, Moreno e Gandia tomam um morfema do quíchua e outros dois do guarani. A pergunta é: Porque os Guarani do Paraguai quinhentista empregariam a palavra chiri ao invés de *roĩ* = frio em guarani? Nota-se que

³² Garcilaso de la Vega, que tinha o quíchua como língua mãe, grafava *Chirihuana*. Ao explicar o nome de um rio Runahuanac, Garcilaso explica que *Runa* quer dizer gente, e *huanac* é o verbo castigar e o *c* final indica o tempo participio do presente. Portanto o étimo do rio corresponde com o do etnônimo. GARCILASO DE LA VEGA, Inca. *Comentarios reales de los Incas e historia general del Perú*. Edição, prólogo, índice analítico e glossário Carlos Aranibar. Lima: FCE, 1991. CAP XXIX LIBRO VI. p. 389

³³ GANDIA, Enrique de. *Historia de Santa Cruz de la Sierra: una nueva republica en Sud América*. Buenos aires: Talleres Gráficos Argentinos de L. J. Rosso, 1935. p. 16

essa sugestão baseia-se tão somente num jogo imaginativo, pois, as fontes rio-platenses não registraram a palavra chiriguana antes do encontro com a frente andina.

Gandia também considera admissível a versão de Pedro de Ángelis. No verbete Chiriguanos, de Ángelis concede a seguinte explicação: “El clima es frígido en las montañas, de donde le vendrá tal vez el nombre de *Chiriguanos*, que en la lengua quechua, quiere decir hombres que tienen frío. (*Chiriguan*, tengo frío)”³⁴. Todavia, para Gandia a versão mais razoável é “gente suja” apresentada por Eric Von Rosen que, em 1901, participou da expedição sueca *chaco-cordillera*. A teoria de Von Rosen é que: “O nome Chiriguano (quechua), que significa "povo sujo", foi-lhes dado pelos incas vaidosos, que desprezava o povo Chiriguano, representando-o como bárbaros”³⁵. Gandia comenta que os chiriguano eram um povo extremamente limpo (higiênico) e que o objetivo dos incas era mesmo causar ressentimentos.

Em *Chiriguana: nacimiento de una identidad mestiza*, Combés e Saignes³⁶ fizeram um levantamento histórico e lingüístico acurado das fontes coloniais e também das proposições científicas de distintos pesquisadores (Nordenskiöld, Metraux, Gandia e Susnik). Ao longo de toda obra a perspectiva que perpassa a análise das fontes é a questão da mestiçagem guarani – chané (arawak) como fundamento de uma nova

³⁴ GUZMÁN, Ruy Díaz de. Historia Argentina del descubrimiento, población y conquista de las provincias del Río de la Plata. IN: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata. Tomo Primero*, Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1835, p. 201. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/68049485989571385754491/p0000002.htm#I_13_ Acesso em 7 de janeiro de 2011.

³⁵ "The name of Chiriguano (quechua), which means 'dirt people', was given them by the vainglorious Incas, who despised the Chiriguano people, affecting to look upon them as barbarians. COUNT ERIC VON ROSEN. *Ethnographical Research work during the swedish chaco-cordillera expedition, 1901—1902*. Stockolm, p. 188. Citado por: GANDIA, Enrique de. *Historia de Santa Cruz de la Sierra: una nueva republica en Sud América*. Buenos aires: Talleres Gráficos Argentinos de L. J. Rosso, 1935. p. 16

³⁶ COMBÉS e SAIGNES, Thierry. "Chiriguana: nacimiento de una identidad mestiza". In: J. Riester (org.). *Chiriguano*. Santa Cruz: APCOB. 1995 pp. 25-221.

identidade. Apoiando-se mais nos idiomas guarani Combés e Saignes vão além das interpretações tradicionais, que pressupõe que as raízes de *Chiriguana* são exclusivamente quíchua, e identificam indícios da mestiçagem no próprio termo.

Com base num documento de 1586, em que o governador de Santa Cruz de la Sierra afirmava: “También les llaman *Chiriguanaes*, corrompido el vocablo, *el* cual se diriva de *Chiriones*, que quiere decir "mestizos, hijos dellos e de indias de otras naciones"³⁷, Combès e Saignes sugeriram uma interpretação alternativa que atendia à tese central de uma “identidade mestiça”. Perceberam que outros autores quinhentistas (Calvette de Estrella, 1557 e Pedro de Segura 1584) registraram uma etnia denominada Chiriones e a situaram proximamente aos Chiriguana.

Além do mais, evocaram que na Amazônia boliviana existe, ainda hoje, um grupo linguisticamente filiado ao guarani denominado Sirionó. Chiriono e Sirionó seriam, pois sinônimos considerando que na língua dos próprios Sirionó, “Ch” corresponde a “S”. Qual seria, então, o significado de “chiri” ou “siri” na língua guarani-sirionó? De acordo com o Diccionario chiriguano-español y español-chiriguano, de Romano y Cattunar (Op. cit. Combés; Saignes) siri equivale a expatriar-se. O raciocínio que os autores propõem é que as expedições guarani rumo à cordilheira eram predominantemente masculinas e, no decorrer da jornada, os guerreiros contraíam mulheres dos grupos vencidos que, por sua vez, procriavam filhos mestiços. Portanto, os expatriados eram também mestiços, “y los

³⁷ SUÁREZ DE FIGUEROA, Lorenzo. [1586] “Relación de la ciudad de Santa Cruz de la Sierra”. In: Marco Jiménez de la Espada: *Relaciones geográficas de Indias: Relaciones Geográficas del Peru*. Tomo II. Madrid: Biblioteca de autores españoles, 1965, t. 1: 404.

sirionó son también unos ‘mestizos’”³⁸. A proximidade entre siri e chiri é corroborada por uma carta em que o P. Martínez de 1601 que escreve Chiriguana como Siriguana (crónica anónima, 1944: 498. Op. Cit. Cambés; Saignes)

Para explicar a terminação *guana* Combés e Saignes perguntam: “¿con quién se han mestizado los guarani migrantes?” Embora diversos grupos tenham sido atingidos pela expansão guarani, as fontes históricas indicam que as mulheres Chané, obtidas em guerras de conquista, se tornavam as parceiras por excelência. Os Chané são da família lingüística Arawak assim com os Guana. A possibilidade de o “guana” de chiriguana ser uma referência aos chané já havia sido aventada por Susnik³⁹. A conclusão que sucede é que chiriguana seria uma alusão a “los que nacieron de padre guarani com madre guana”⁴⁰. Em outras palavras, os que se expatriaram e se mestiçaram com *Guana*.

Essa versão foi muito bem recebida pelo antropólogo Xavier Albó na medida em que substituía as conotações depreciativas por uma explicação mais plausível com a trajetória histórica dos Chiriguana. A expectativa de Albó era que as comunidades guarani falantes da atual Bolívia assumissem novamente esse etnônimo sem prejuízo para a auto-estima⁴¹. Todavia, num recente artigo Combès, desta vez em parceria com Villar⁴², voltou a se pronunciar sobre essa interpretação. Nesse artigo os autores revelam que essa interpretação teve a intenção de se contrapor às conotações pejorativas de origem colonial

³⁸ COMBÈS, Isabelle e SAIGNES, Thierry. Chiriguana: nacimiento de una identidad mestiza. In: J. Riester (org.). *Chiriguano*. Santa Cruz: APCOB. 1995, p. 88

³⁹ SUSNIK, Branislava. *Chiriguanos: Dimensiones etno- sociales*. Asunción: Museo Etnografico Andres Barbero, 1968.

⁴⁰ COMBÈS, Isabelle e SAIGNES, Thierry. Chiriguana: nacimiento de una identidad mestiza. In: J. Riester (org.). *Chiriguano*. Santa Cruz: APCOB. 1995, p. 88.

⁴¹ ALBÓ, Xavier. *Los Guaraní –Chiriguano. La comunidad hoy*, La Paz: CIPCA, 1990, p. 12

⁴² COMBÈS, Isabelle; VILLAR, Diego. Os mestiços mais puros: Representações chiriguano e chané da mestiçagem. *Mana* [online]. 2007, vol.13, n.1, pp. 41-62.; p. 43-44

com as quais os grupos remanescentes nunca se identificaram e que, todavia, continuam sendo difundidas na Bolívia e na Argentina. Todavia, não garantem a viabilidade dessa hipótese. Um dos motivos da desconfiança é que os Guana somente “ingressaram” nas fontes históricas platinas no século XVIII.

No *Diccionario Étnico* – obra de grande originalidade e praticidade para a etno-história do Gran Chaco – Combés afirma claramente que, toda etimologia que remete ao “[...] quechua tiene más probabilidades de ser acertadas”⁴³. Ou seja, passados mais de vinte anos em relação à primeira edição francesa (em parceria com Saignes) Isabelle Combès abandonou a proposição etimológica que se mostrava a mais “correta”, politicamente falando. Chiriguana seria, muito provavelmente, um termo pejorativo atribuído pelos Incas, ou por outros grupos andinos, a esses guarani falantes que tensionavam as fronteiras do grande império andino.

Duas possibilidades que, todavia, se articulam merecem ser aventadas, ainda que em caráter especulativo. As crônicas coloniais que registraram histórias épicas da tradição oral inca destacam duas etnias bem distantes, uma da outra, que infligiam enormes reveses às tropas do império andino e fustigavam seus avassalados circunvizinhos. Os *Chiriguanas*, ao oriente, e os *Araucanos* (Mapuche), ao sul do Chile, foram abordados por Nathan Wachtel⁴⁴ no que concerne aos enfrentamentos com os incas e, logo em seguida, os espanhóis.

⁴³ COMBÈS, Isabelle. *Diccionario étnico: Santa Cruz la Vieja y su entorno en el Siglo XVI*. Cochabamba: Itinerarios/Instituto de Misionología. 2010, p. 131.

⁴⁴ WACHTEL, Nathan. Os índios e a conquista espanhola.. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: América Latina Colonial*. vol.1. São Paulo: Edusp, 1997. pp. 195-240; p. 232-235.

Esse cenário, do poderoso império inca a dispender grandes esforços para guarnecer as fronteiras dos “bárbaros selvagens” foi evidenciado pelo Pe. Barnabé Cobo S.J ao discorrer sobre os serviços prestados ao império, pelos súditos do Inca, com destaque às tarefas militares:

En primer lugar, se proveían las cosas de la guerra, y era grande el número de hombres que continuamente andaban en ella, así en los ejércitos que se formaban y rehacían, como en las guarniciones y presidios que había en las cabeceras de provincias y en las fronteras de los enemigos; y en las conquistas ordinarias, guazáuaras que tenían los Incas con muchas naciones confinantes á su imperio, como con los indios Pacamoros, Popayanes y otras naciones fronterizas de la provincia de Quito; y por la parte del Sur y de las provincias de los Charcas con los indios **Chiriguanas, Araucanos de Chile, gentes bárbaras y muy belicosas**⁴⁵ [grifo nosso].

Essa passagem ilustra que, em termos adjetivos, uns e outros tinham o mesmo status. Recuando a 1535-1545 percebe-se uma (com)fusão histórico-geográfica ou, então, uma proximidade semântica entre Chile e Chiriguanas. Quase todos os documentos que apontam para uma simultaneidade entre esses dois âmbitos geográficos resultaram da expedição que Diego de Almagro comandou ao Chile, a partir de Cusco, 1535. Dois notáveis cronistas quinhentistas, e diversos testemunhas que figuram num processo sobre as disputas entre Diego de Almagro e Francisco Pizarro falam de Chile e Chiriguana como se fossem uma mesma região. Uma das testemunhas arroladas disse que Almagro era um bom servidor de S. M, pois era zeloso no trabalho de acrescentar: “[...] tierras é señoríos, por queste testigo le vio trabajar en ello mucho, especialmente en el descubrimiento de **Chile ó Chiriguana** y en la conquista de toda la tierra del Perú;

⁴⁵ COBO, Bernabé. [1653] *Historia del Nuevo Mundo*. Publicada por: Marcos Jiménez de la Espada, Sociedad de Bibliófilos Andaluces (Sevilla), 1892. p. 270

[...]”⁴⁶. Outra testemunha diz saber que Vasco de Guevara foi com “[...] el adelantado don Diego de Almagro á la provincia de **Chiriguana ó Chile**, porque le vio venir al tiempo que el dicho Adelantado vino á esta ciudad con él [...]”⁴⁷. Diversas *probanzas* da *Colección de documentos inéditos para la historia de Chile* sobre a expedição de Almagro, seu retorno e conflito com os Pizarros denotam que, na primeira metade do século XVI, Chiriguana e Chile eram sinônimos para os conquistadores andinos.

Os historiadores da época também tiveram esse entendimento. Para compor sua obra *Cieza de León* (que de acordo com F. Pease é um dos mais precoces e célebres historiadores do Peru pré-colonial e colonial), arrolou fontes orais, documentos oficiais, participou *in loco* das campanhas militares para subjugar os pizarristas rebeldes à coroa e viajou por diversas províncias peruanas – inclusive Charcas, vizinha aos Chiriguanas. A citação a seguir, além ilustrar como Cieza de León manteve essa imbricação – *Chile* e *Chiriguana* – traz importantes aportes sobre a perspicácia dos incas que, para se livrarem dos espanhóis, convencem-nos a partir para regiões distantes e ásperas onde, segundo os mesmos: “[...] había tanto oro y prata que tenían las casas chapadas de ello [...]”⁴⁸,

A todo esto tengo que decir, que como los indios naturales viesen la gran potencia de los españoles, y por experiencia sabían irles mal en tomar armas, hostigados por los muchos que habían muerto en las guerras pasadas, habían asentado y tratado paz; pero con mezcla de fingimiento y con deseo de verlos divididos y de tal manera que pudiesen vengarse de tantos daños como habían recibido. Y teniendo este intento y conociendo su gran codicia y demasiada avaricia, publicaron grandes cosas de lo de **Chiriguana**, afirmando haber tanto oro y plata, que no era nada lo del Cuzco para compararlo con ello. Los españoles creíanlo y pensaban henchir las manos en aquella tierra⁴⁹.

⁴⁶ MEDINA, José Toribio éd. *Colección de documentos inéditos para la historia de Chile*. [1518-1818] T.6. Fee de cierta probanza é abtos é escrituras de don Alonso Enriques contra Hernando Pizarro (Archivo de Indias, 52-2-1/14).p. 225-226. <http://www.archive.org/details/coleccindedocum03medigoo>

⁴⁷ MEDINA, José Toribio éd., op cit. Probanza de méritos y servicios del capitán Vasco de Guevara p. 270 <http://www.archive.org/details/coleccindedocum03medigoo>

⁴⁸ CIEZA DE LEÓN, Pedro: *Crónica del Perú. Tercera Parte*. [1553]. Cap. LXXXV

⁴⁹ CIEZA DE LEÓN, Pedro: *Crónica del Perú. Tercera Parte*. [1553]. Cap. LXXXIV.

Diante destas notícias Almagro organizou uma expedição e se dirigiu ao Chile, donde retornou com imensas perdas humanas e materiais. A conjunção Chiriguana/Chile, ocorre seis vezes na terceira parte da obra de Cieza de León, sempre relacionada à expedição de Almagro. A(s) hipótese(s) que intencionamos expor é que para o próprio Manco Inca – que, segundo Cieza de León, teria incentivado a expedição de Almagro para livrar-se dele e recuperar seu poder imperial – esses dois âmbitos geo-etnográficos podiam significar um só e, nesse contexto, representavam uma forma de abater os espanhóis enviando-os para terras distantes e perigosas. Ou seja, essa coincidência sugere que ao tempo da conquista espanhola dos incas, *Chiriguana* se referia a uma realidade etnográfica e espacial bem mais ampla que a cordilheira chiriguana.

A depender da versão de Gonzálo de Oviedo, pelo menos parcialmente, os incas que incitaram essa expedição alcançaram seus objetivos. Vale destacar que a representação desse cronista acerca dos indígenas que Almagro encontrou coincide com a de Poma de Ayala e Garcilaso de la Vega⁵⁰ sobre os guarani falantes da cordilheira. Uns e outros eram selvagens, pobres e semelhantes a feras: essa é a alegação mais recorrente para o fracasso das expedições, tanto incaicas pré-hispânicas, quanto espanholas.

É assi se confirmaron é lo juraron, é passó adelante Almagro (con relación que tuvieron de muy buena tierra) la vuelta de Chile é de Chiriguana, conforme á los conçiertos dados entre ambos compañeros, jurados é assentados; é fué quinientas leguas ó más adelante del Cuzco, donde él é la gente hiçieron la exçesiva penitencia que se dirá en el libro siguiente, **é halló con una tierra frigidíssima, donde ni les faltó sed ni hambre ni otros trabaxos nunca antes oydos á chripstianos; é la gente que toparon pobre é salvage, vestida de cueros, é las moradas**

⁵⁰ LANGER, Protasio Paulo. Piores que bestas feras : Garcilaso de la Vega e o imaginário hispano-inca sobre os Guarani Chiriguano. Topoi (Rio de Janeiro), v. 11, p. 5-22, 2010

debaxo de tierra, como osos, [grifo nosso] sin saber qué cosa es oro ni plata, ni averlo menester⁵¹.

A passagem grifada, além de situar os araucanos no mesmo âmbito ontológico dos chiriguanas, enseja outra aproximação. Em sua expedição ao Chile, Almagro encontrou uma terra *frigidíssima* na qual padeceu toda sorte de “castigo”. Em outras palavras, Almagro foi castigado pelo frio numa terra em que só havia bárbaros. A Cordilheira Chiriguana e o Chile tinham em comum esses atributos. Isso não significa uma identidade climatológica de fato: os guarani da cordilheira teriam sido castigados pelo frio de acordo com a crônica de Alcaya. Agora, na expedição de Almagro ao Chile, o frio castigou os espanhóis da frente andina que, em vez de riqueza e civilizações, só encontraram bárbaros que viviam como animais.

Outro documento interessante acerca desse tema é uma *probanza de méritos* em que Diego de Encinas presta conta de uma extensa lista de façanhas de conquista e “pacificação”. Ao contrário dos documentos anteriores, com o nome *Cherigoanaes* se refere explicitamente a indígenas, e não a uma região ou província. Entre as diversas façanhas arroladas, uma delas foi acompanhar Almagro ao Chile e, no caminho, a partir de Topiza [Tupiza, na atual Bolívia], castigar certos índios *Cherigoanaes* que haviam atacado cinco espanhóis em Jujui, três dos quais pereceram. Estes haviam se afastado do grupo de Almagro que, assim que soube do ocorrido, enviou uma tropa para castigá-los.

⁵¹ FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del mar océano*. Tecera Parte, tomo IV. Edit. D. Jose Amador de Los Rios. MADRID: Real Academia de la Historia, 1855. Disponível em: http://165.98.138.131/BibliotecaGeneral/coleccion_UNO/libros_capitulos_pdf/CCBA%20-%20SERIE%20CRONISTAS%20-%202005%20-%202009.pdf

Diego de Encinas [...] en compañía del adelantado don Diego de Almagro, al descubrimiento de las provincias de Chile, y en la dicha jornada sirvió en todo lo que se ofreció, é fué con el capitán Juan de Saavedra á conquistar las provincias del Collao é Charcas é Chichas y sus comarcas hasta llegar a Topiza; y estando allí mandó el dicho don Diego de Almagro al capitán Rodrigo de Salcedo, que fuese con gente de á caballo á hacer guerra y castigo de **ciertos indios cherigoanaes** [grifo nosso] que se habían hecho fuertes en el pueblo de Jujuy é muerto ciertos españoles, en lo cual sirvió con sus armas é caballos los pacificaron;⁵²

Em relação a essas ocorrências cabe indagar: quem, dos integrantes da expedição ao Chile, teria condições de identificar, como *cherigoanaes*, os indígenas que atentaram contra esses espanhóis. Os únicos capazes de reconhecê-los seriam os próprios incas que, em considerável número, acompanharam a referida expedição, já que os espanhóis ainda não haviam percorrido e tampouco se estabelecido naquelas terras. Por esse motivo é razoável supor que os incas tenham chamado de *chiriguana* a qualquer grupo que, na avaliação “incacêntrica” fosse tão bárbaro/selvagem e agressivo quanto aqueles da cordilheira chiriguana.

A presença ou não de guarani falantes na derrota de Almagro rumo ao Chile foi analisada, recentemente, por Federico Bossert que fez um exaustivo levantamento das fontes e argumentos em torno dessa questão. Seu parecer é de que não existe qualquer documento fidedigno que prove que em Salta e Jujuy – onde supostamente ocorreram os confrontos com os *cherigoanaes* – tenha havido assentamentos de guarani no século XVI⁵³.

A associação entre Chile e Chiriguanas induziu outros “tropeços cronísticos”. Partindo de informes sobre a travessia do Gran Chaco, pela expedição de Irala, que alcançou os guarani da cordilheira chiriguana, Gonzalo de Oviedo deduziu que Irala

⁵² MEDINA, José Toribio. *Colección de documentos inéditos para la historia de Chile: desde el viaje de Magallanes hasta la batalla de Maipo: 1518-1818*. Santiago: Imprenta Ercilla, 1888-1902. 30 v. T.7. Probanza de méritos y servicios de Diego de Encinas, conquistador y pacificador en el Perú y descubridor de Chile: [24/09/1558, Lima]. Santiago de Chile: Imprenta y encuadernación Barcelona, 1895, p. 208. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/coleccindedocum17medigoog#page/n223/mode/2up>

⁵³ BOSSERT, Federico. Los chiriguano y el Tucumán colonial: una vieja polémica. *Revista Andina* 47: 151-184, 2008 p. 175.

havia alcançado o Chile: “Y en este tiempo postrero del año que digo, [1547] han venido nuevas que la gente que quedó con el dicho Domingo de **Irala** en tierra, han descubierto tanto que han llegado hasta la provincia de **Chile**, que es **de la otra parte del Perú**, y en sus confines dícenme”⁵⁴. Diante das fontes arroladas, não restam dúvidas que o cronista Oviedo também partia do pressuposto de que Chile e Chiriguana era um mesmo âmbito geográfico, etnográfico e semântico.

E, finalmente, um último indício de que entre Chile e Chiriguana havia alguma estranha concordância é o memorial de Jayme Rasquín, datado em 1557. Esse documento é o primeiro, de origem rioplatense, a se referir aos guarani falantes da cordilheira com um etnônimo de procedência andina. Esse não seria um dado importante se esse novo nome não tivesse uma pequena corruptela que pode ser algo mais que um simples acaso. Ao descrever as províncias do Paraguai e Peru, Rasquín diz que: “y enmedio de destas dos provincias [Las Charcas e Pothosy] estan unos yndios que **en la prouincia del Peru los llaman chiliguanas** y en nuestra prouincia los llaman guaranis;”⁵⁵. O que a princípio parece um lapso casual, uma simples troca fonética, pode ser um sintoma de que em 1557, quando o povoamento colonial do entorno da cordilheira chiriguana mal havia iniciado, para algumas pessoas ou instâncias político-administrativas do Peru, Chile e Chiriguana significava uma mesma realidade.

⁵⁴ FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias, islas y Tierra-Firme del mar oceano*. Tomo Primeiro da Segunda Parte. Edit. D. Jose Amador de Los Rios. MADRID: Real Academia de la Historia, 1852. Libro XXXIII, Cap. XVI, p. 208. Disponível em: <http://books.google.com.br/>

⁵⁵ RASQUÍN, Jaime. [1557] “Petición de Jaime de Rasquín” in Catherine Julien: *Desde el Oriente. Documentos para la historia del Oriente boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597)*. Santa Cruz: fondo editorial municipal, doc. 8 p. 41-44, 2008, p. 43

Conclusão

Para por termo aos dados aqui arrolados cabem algumas considerações. Uma delas diz respeito aos autores, que propuseram explicações para o significado dos nomes, e ao lugar donde falavam. Os cronistas do Rio da Prata quinhentista, que de fato atuaram entre as diversas etnias guarani falantes, não se pronunciaram sobre os significados dos nomes. A começar pela carta de Luíz Ramirez – o primeiro documento a registrar o nome *guarenies* e a elaborar uma descrição etnológica sumária desse grupo – passando pelas crônicas de Schmidel e Cabeza de Vaca – as mais célebres narrativas da era da conquista do Rio da Prata – e pelas cartas-relatórios de Irala, em nenhum desses autores há um discurso especulativo em torno dos conteúdos etimológicos dos nomes étnicos.

Todavia, a partir de 1570, quando tanto no Paraguai quanto na *Cordillera Chiriguana* eclodiriam levantes armados⁵⁶ de etnias guarani, a associação direta ou indireta dos nomes com uma suposta índole brutal e guerreira tornou-se recorrente. Lorenzo Suarez de Figueroa foi governador de Santa Cruz de la Sierra, na década de 1580 quando, entre colonos e guarani falantes, as tensões eram culminantes. É dele a explicação sumária que pretende dar conta de todos os nomes correntes e seus significados⁵⁷.

⁵⁶ Entre as referências historiográficas para o estudo dos levantes guarani contra instituições coloniais no Paraguai e na *Cordillera Chiriguana* vale destacar: RÍPODAS ARDANAZ, Daisy. Movimientos shamánicos de liberación entre los Guaraníes (1545-1660). *Apartado de Teología*, XXIV(50), 1987, p. 245-275; NECKER, Louis. *Indios Guaraníes y chamanes franciscanos: las primeras reducciones del Paraguay (1580-1800)*. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos/Universidad Católica, 1990 e MELIÁ, B. *El Guaraní conquistado y reducido. Ensayos de etnohistoria*. 3.ed. Asunción: Ceaduc, 1993.

⁵⁷ “El propio nombre de esta generación es *Carío*, de donde se deriva el nombre que tienen, *Caribes*, que quiere decir ‘comedores de carne humana’. Llámense también *Guaranís* y *Guarayus*, que quiere decir ‘gente de guerra’. También les llaman *Chiriguanaes*, corrompido el vocablo, el cual se deriva de *Chiriones*, que quiere decir ‘mestizos, hijos dellos e de indias de otras naciones’. SUÁREZ DE FIGUEROA, Lorenzo. [1586] “Relación de la ciudad de

Martín del Barco Centenera chegou ao Paraguai em 1573 e por dois anos atuou como capelão de tropas que partiam para novas conquistas. Em seguida estabeleceu-se em Chuquisaca e Cochabamba, contíguo aos *chiriguanaes*, que no ano de 1574 venceram a expedição militar do vice-rei Francisco de Toledo. Seu poema, publicado em 1602, imputa aos guarani, em geral, todos os adjetivos que comumente os conquistadores aplicam aos indígenas que desafiam a força e os métodos coloniais. Para esse poeta os povos guarani não representam qualquer contribuição positiva à formação da “Argentina”, pelo contrário, são os bárbaros sanguinários a serem subjugados pelas nobres armas da Espanha.

Os significados dos nomes que Barco Centenera forjou para *guarani* e *cario* refletem essas premissas. A perspectiva andina também aparece na *Relación* que o padre *Diego Felipe de Alcaya* ouviu do seu pai. Num e noutro caso, vale observar, o interesse pelo significado do nome surge após 1560, período em que as tensões entre colonos e guarani se agravaram. Um e outro tiveram o universo andino como centro de atuação colonial. Em seus textos o eurocentrismo associado ao incacentrismo reduziu os grupos das terras baixas a meros bárbaros a serem civilizados e colonizados, de uma forma ou de outra.

Em comparação às especulações historiográficas, nas fontes coloniais os significados são mais categóricos do que sugestivos. A linguagem colonial não é especulativa, que busca se aproximar e desvendar os significados. Os três escritores

Santa Cruz de la Sierra”. In: Marco Jiménez de la Espada: *Relaciones geográficas de Indias: Relaciones Geográficas del Peru*. Tomo II. Madrid: Biblioteca de autores españoles, 1965, t. 1: 404.

andinos (Barco Centenera, Alcaya e Suárez de Figueroa) tomaram os nomes próprios como portadores de sentidos precisos, pré-existent. Para eles, os nomes não são um meio para avizinhar as pessoas dos seres nomeados, para procurar um sentido para o que pretendem nomear, “mas revelam o que já é conhecido e está pronto para ser comunicado”⁵⁸. A mensagem do poeta Arnaldo Antunes, que nos brindou com a instigante epígrafe que abre este trabalho, era desconhecida por esses autores.

Já os historiadores analisados são mais propositivos na medida em que empreendem uma busca pelo sentido e, nesse movimento, ponderam antigas explicações, propõem novas possibilidades e reavaliam criticamente acepções que, no decorrer do tempo se revelam frágeis. Ainda assim, o interesse pelo conteúdo dos nomes próprios continua em alta. Acompanhar o contexto histórico, a perspectiva dos autores proponentes, a articulação interdisciplinar dos dados lingüísticos e etnológicos que são arrolados para fundamentar esse ou aquele significado, é um exercício envolvente e rico em historicidade na medida em que aporta conteúdos sobre a representação dos povos indígenas ao longo dos séculos.

⁵⁸ BARBOSA, Carlos Alberto. Ética e linguagem a partir de alguns fragmentos de Theodor W. Adorno. *EccoS Rev. Cient., UNINOVE*, São Paulo: (v.2 n.1): p. 51.